[Recensão a] Luigi Pirandello e a recepção da sua obra em Portugal, coordenação e tradução de Rita Marnoto

Autor(es): Sismondini, Alberto

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/42623>

DOI: DOI:https://doi.org/10.14195/0870-8584_3_16

Accessed : 26-Apr-2023 15:41:25

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

Estudos Italianos em Portugal

Instituto
Italiano
de Cultura
de Lisboa

Nova Série
Nº 3
2008

os percursos individuais de altos responsáveis do fascismo italiano, como Luigi Federzoni e Dino Grandi, membros do Grande Conselho Fascista. Estes apontamentos, que nos casos de Federzoni e Grandi assumem um carácter de investigação histórica, revelando factos pouco conhecidos e estudados, distinguem-se, no da visita dos Balilas, pelo colorido das descrições, bem caracterizador do optimismo e voluntarismo fascista, permitindo entrar no sentir da época, melhor forma de entender o acontecer histórico, mantendo sempre o rigor documental e a citação das fontes de que JPS não prescinde.

Mas interessante também, ou principalmente, pelo universo de relações entre a Universidade de Coimbra e a Itália fascista que nos revela e pela quantidade de questões que nos permite colocar e que nos apercebemos ser necessário investigar para melhor compreendermos como se organizaram, funcionaram e que valores e princípios propugnaram, as correntes fascistas europeias na primeira metade do século XX.

Começando por notar a existência de uma consistente política de expansão cultural do fas-

cismo italiano, podemos elencar, enquanto mais relevantes e de maior interesse para futura investigação, temas como: Que destino tiveram outras bibliotecas fascistas? Como se dotaram e articularam? Como se articularam, ou não, com as de outros países? Em que países foram criadas? Europa? América do Sul? Quais as especificidades de cada uma? Existiu alguma estratégia concertada, ou apenas intervenções circunstânciais, de acordo com as contingências de cada país, ou instituição? A que estratégia de fundos obedecia cada uma destas bibliotecas? Existiu alguma política de promoção de determinados livros, assuntos ou autores? Estas apenas algumas das questões para as quais este trabalho de JPS abre caminho, e é pela sua pertinência e importância e interesse que este catálogo se torna, afinal, um livro para ler. JOSÉ SEVERO

Luigi Pirandello e a recepção da sua obra em Portugal, coordenação e tradução de Rita Marnoto, Coimbra, Instituto de Estudos Italianos da Faculdade de Letras da Universidade, 2007, pp. 206 [série Leonardo, 4].

A figura de Luigi Pirandello é a grande protagonista deste volume, resultante das contribuições que animaram o *Encontro de Italianística* homónimo, organizado no ano de 2005, em Coimbra, pelo Instituto de Estudos Italianos, nos espaços da Faculdade de Letras. Vários especialistas, nacionais e estrangeiros, ilustraram o seu labor de investigação, permitindo a criação de um texto orgânico sobre a fortuna crítica deste literato, numa abordagem repleta de novidades para o público português, que se traduz, inclusive, na edição de inéditos.

A organização do volume processa-se em torno dois temas principais: a obra de Pirandello e a sua recepção em Portugal. O artigo de abertura, intitulado “Luigi Pirandello”, de autoria da coordenadora do Encontro, Rita Marnoto, delineia de forma exaustiva o percurso biográfico, poético, crítico-bibliográfico e cronológico do autor, insistindo sobre o seu valioso contributo para a constituição da poética Modernista, e apontando linhas de investigação e tendências críticas que estão a ser desenvolvidas em torno das diversas facetas da actividade de Pirandello.

Joseph Farrell, em “Pirandello e o teatro do grotesco”, defende a inovação que a emergência desta forma expressiva, influenciada pelas vanguardas, causou no mundo teatral, rompendo com a dicotomia classista do espectáculo *boulevardier*, face ao teatro de variedades. A encenação de *La maschera e il volto* de Chiarelli marcava uma nova era, em que se assistia à fusão do sério com o ridículo. O contributo de Pirandello foi fundamental para a introdução de alterações na prática teatral a um nível profundo e mais sistemático, o do próprio cânone do teatro europeu e italiano. A subida de Pirandello ao palco deu-se na maturidade do autor, quando, quase quinquagenário e já afamado escritor de romances, ensaios e poesia, se decidiu a escrever, de forma continuada, para a cena. Farrell propõe considerar a sua obra como uma série de momentos em sucessão, focalizando apenas o surgimento de Pirandello dramaturgo em consonância com a aparição do teatro do grotesco (1916-1920). O texto torna-se um importante roteiro para dar a conhecer os principais protagonistas de uma reforma que in-

teressou as cenas europeias ao longo do século XX.

Seguidamente, Pietro Frassica, com “A Marta Abba, para não morrer”, conta o relacionamento entre o artista e a sua musa, personificada pela jovem actriz com quem, a partir de 1925, estabeleceu um forte relacionamento, de que dão testemunho as 552 cartas que lhe escreveu. Esta correspondência descreve, como afirma Frassica, uma história, aproximando-se, na forma textual, de um romance epistolar, facto de que Pirandello parece, por vezes, ter consciência. As cartas representam também um diário íntimo e uma plataforma de confronto entre um criador e o meio expressivo da sua arte, uma *diva* com quem estabelece um denso e afectivo diálogo de trabalho. As últimas missivas evocam um sonho americano, entre Hollywood e a Broadway, que nunca se concretizou.

O segundo tema, Pirandello em Portugal, é abordado por Maria José de Lancastre com “Uma viagem de Pirandello a Portugal”, onde se evoca a participação no *V Congresso Internacional da Crítica*, um congresso itinerante que decorreu em Setembro

de 1931 e percorreu vários locais de Portugal, em cujo âmbito se inseriu a estreia mundial de *Sogno, ma forse no*. Deve registar-se a homenagem prestada ao autor siciliano, nesta ocasião, pela academia de Coimbra. Além desta apresentação cronológica, a estudiosa afirma o valor da poética pessoana, já conhecida das elites portuguesas, para a recepção da obra de Pirandello em terra lusa. A imbricação entre sonho e realidade é um tema comum aos dois artistas e, por isso, Maria José de Lancastre estabelece uma comparação entre a peça pirandelliana e o *Marinheiro* de Fernando Pessoa.

Por sua vez, Manuel Ferro, em “Os portugueses à procura de Pirandello”, apresenta um minucioso levantamento das traduções e das peças que chegaram ao público português, circunscrevendo a pesquisa à primeira metade do século XX. Assim, fica-se a saber que as primeiras encenações de Pirandello em Portugal foram apresentadas na década de vinte, em versão original, isto é, em língua italiana. Só em 1925 se estreia *Uma verdade para cada um*, tradução de *Così è se vi pare*. Em 1930, foi a vez de *Henrique IV* e,

no ano seguinte, decorreu a estreia mundial de *Sonho mas talvez não*, obra citada na intervenção de Maria José de Lancastre. As representações continuaram até os nossos dias, contando com apoios de intelectuais de valor, tais como Gino Saviotti, e sem esquecer a encenação, por Luca Ronconi, da peça *Questa sera si recita a soggetto* no Teatro Nacional D. Maria II, aquando da Exposição Universal em 1998. Deste modo, Manuel Ferro conclui que o autor siciliano foi relativamente acessível ao público português, nomeadamente o da capital. Houve igualmente um elevado número de artigos de crítica, a demonstrar o grande impacto que a dramaturgia pirandelliana gerou no meio intelectual do país.

Roberto Francavilla, por seu lado, constata, em “*Sotto a questa realtà*. Temas pessoais nas novelas de Pirandello”, que o poeta português indagava os mesmos motivos que interessavam Svevo e Pirandello, inseridos na representação do mundo e do ser humano, na passagem do século XIX para o século XX. A crise existencial daí decorrente afecta o património psíquico do indivíduo e a sua

percepção da realidade, sendo visível na poética do autor português e intelectualizada e difusa na obra do siciliano. Algo de obscuro, independente da esfera racional, age dentro do ser humano. Na consciência do frágil equilíbrio entre normalidade e abismo, surge a impossibilidade de discriminar o *normal* do *louco*, o único do múltiplo.

Rita Marnoto, em “O falecido Mattia Pascal está ao telefone”, retoma, a esse propósito, o episódio da curta estadia de Pirandello em Portugal e do hipotético contacto com Fernando Pessoa, fulcro da peça de teatro que faz parte da trilogia de António Tabucchi, *I dialoghi mancati*. O seu artigo configura uma panorâmica sobre a recepção de Pirandello como fonte criativa para o meio intelectual português, nomeadamente na sua obra de ficção mais emblemática, *Il fu Mattia Pascal*, a partir da geração da *Presença*. A tradução deste romance, em Portugal, foi tardia. Confrontou-se com dificuldades de cariz legal, devido ao facto de os direitos terem sido concedidos a uma empresa brasileira. A segunda parte do artigo coloca literalmente em cena Tabucchi e

Pirandello, numa interessante comparação entre Fernando Pessoa, personagem do drama *Il signor Pirandello è desiderato al telefono*, e o falso Adriano Melis.

Numa ágil e concisa apresentação, Fernando Mora Ramos, profissional de teatro, mostra o que significa encenar Pirandello e explica o porquê de gostar tanto de o encenar. Para Mora Ramos, o espectador é induzido a saborear o prazer da ficção, através da explicitação da dinâmica estrutural do drama em acto, da proposição de alternativas ficcionais e de um aparato cénico concebido para despertar a percepção mental e as emoções.

A terminar, novamente Pietro Frassica, em “Stefano Pirandello – Manuel Aguirre – Acúrcio Pereira: um breve epistolário inédito de 1926”, dá a conhecer um material cuja existência foi revelada por Giuseppe Mea, durante os trabalhos do colóquio de Coimbra. Esta correspondência representa um momento delicado da vivência de Pirandello, quando o genro chileno, Manuel Aguirre, marido da adorada filha Lietta, foi substituído no cargo de procurador por Stefano Pirandello. As escassas páginas dessas

cartas são como que o reflexo de um espelho, a retratar a crise familiar do intelectual siciliano, depois do casamento de Lietta e da sucessiva aparição de Marta Abba.

Este último livro da série Leonardo apresenta, portanto, um perfil actualizado dos trabalhos críticos actualmente em curso, além de proporcionar úteis coordenadas aos estudiosos que pretendam contribuir com novas propostas para o desenvolvimento científico deste domínio.
ALBERTO SISMONDINI

Paola D’Agostino, *Largo delle necessità*, Napoli, Orientexpress, 2006, pp. 72/*Largo das Necessidades*, trad. de Miguel Serras Pereira, Lisboa, Fenda, 1.ª ed. 2006, 2.ª ed. 2007, pp. 58

Largo delle necessità é o primeiro romance de Paola D’Agostino, italiana residente em Portugal há vários anos. A circunstância biográfica, inscrita e transformada no texto, não deve aqui ser descurada, pois determina um universo marcado pela deslocação e por uma certa leitura de Lisboa, com o *Requiem* de Tabucchi como possível matriz, em que a cidade, suspenso entre o real e o onírico, é